

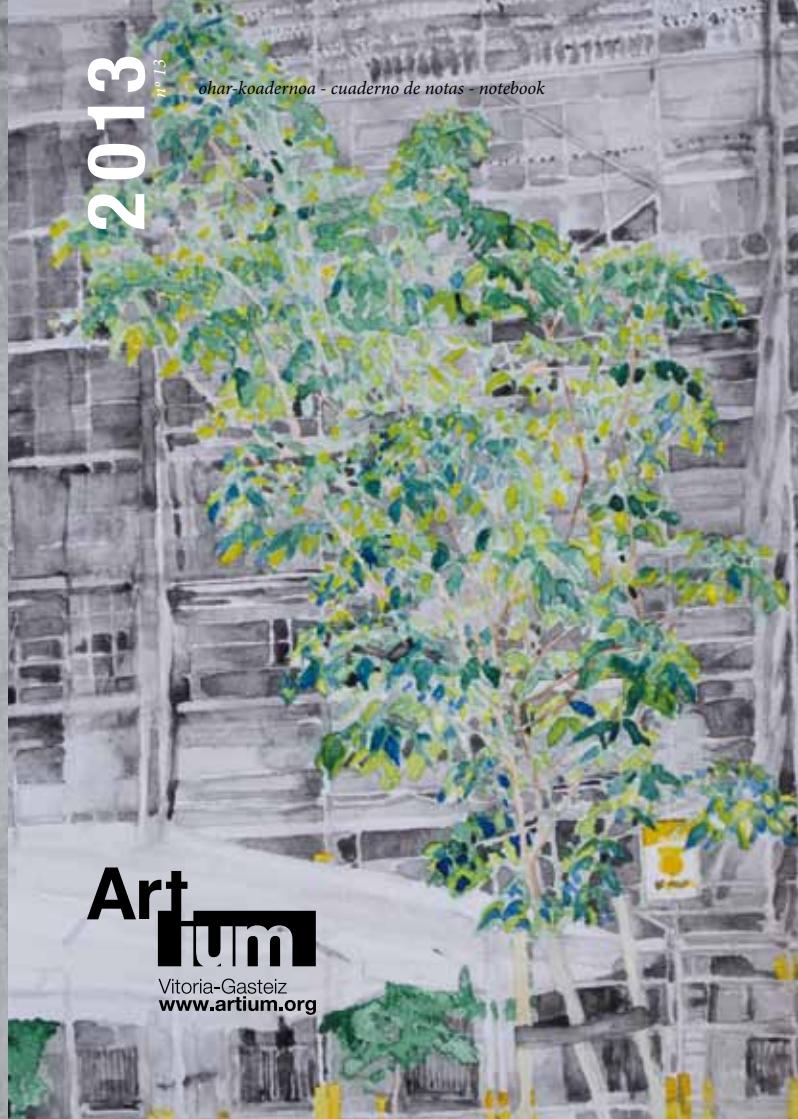


2013  
nº13

ohar-koadernoa - cuaderno de notas - notebook

Art  
ium

Vitoria-Gasteiz  
[www.artium.org](http://www.artium.org)





*Flores frágiles frente a Las Cortes, 2013*

Paper gaineko arkatza, 29 x 21 cm

Paper gaineko urmargoa, 29 x 21 cm

Argazkia, argazki-papera, hainbat neurri.

*Flores frágiles frente a Las Cortes, 2013*

Lápiz sobre papel, 29 x 21 cm.

Acuarela sobre papel, 29 x 21 cm.

Fotografía, papel fotográfico, dimensiones variables.

*Flores frágiles frente a Las Cortes, 2013*

Pencil on paper, 29 x 31 cm

Watercolor on paper, 29 x 31 cm

Photography on photographic printing paper



Ikusi irudieei buruzko testua orriean 54-55

Ver texto sobre las imágenes en las páginas 78-79

See texts for images on pages 102-103

# 2013

Baikartasun kritikorako hamab koaderno      Doce cuadernos para un optimismo critico

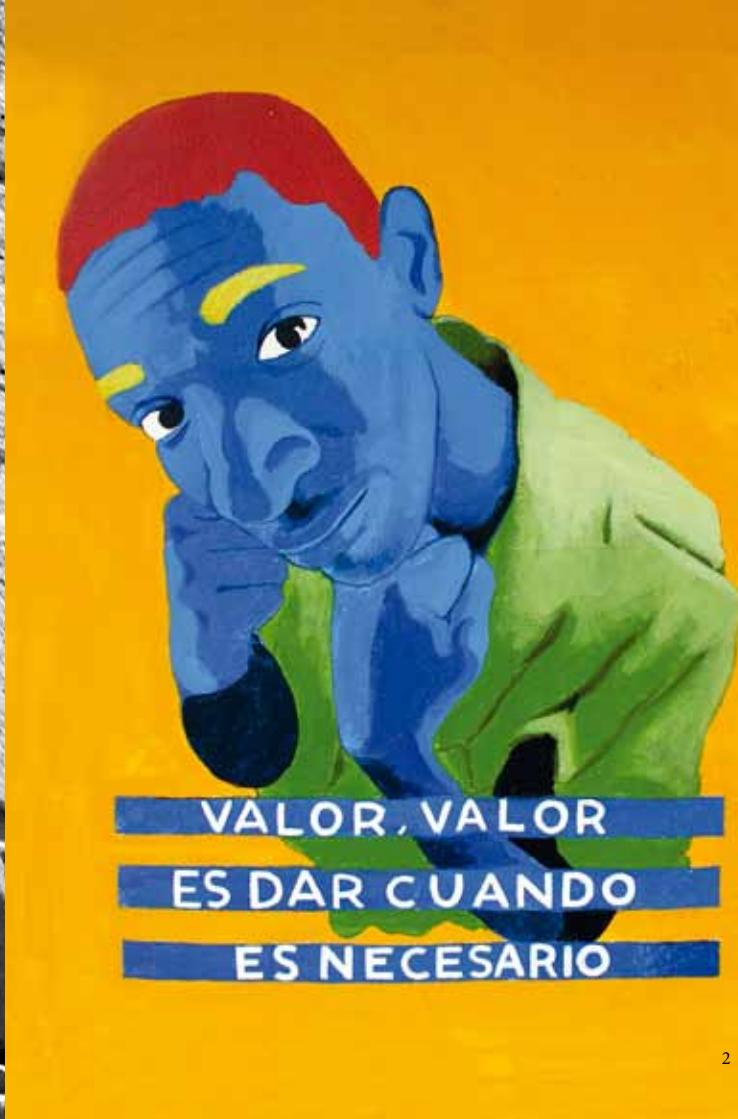
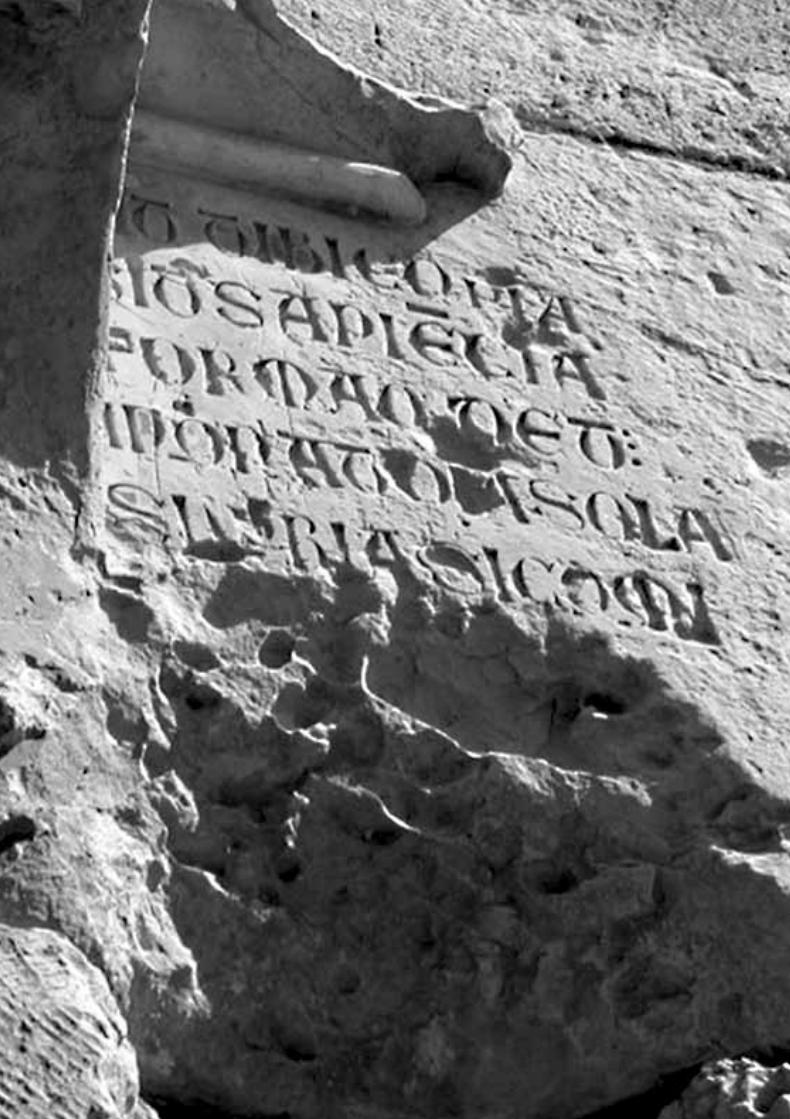
Twelve notebooks for a critical optimism



13. Koadernoa Cuaderno n.º 13 Notebook no. 13
1. Rafael Sánchez-Mateos Paniagua
  2. Federico Guzmán
  3. Amalia Barboza
  4. Chema Cobo
  5. Monika Anselment
  6. Marek Szymański
  7. Belén Sánchez Albarrán
  8. Carlos Vidal
  9. Claire Angelini
  10. José Ramón Amondarain
  11. Maria Ruotsala
  12. Gisele Ribeiro

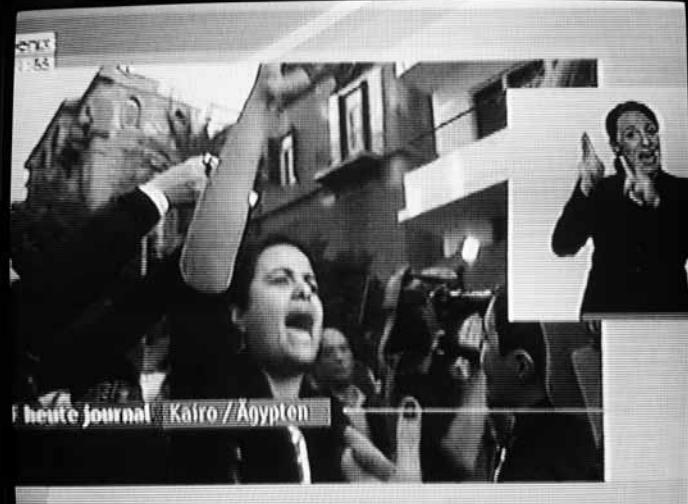
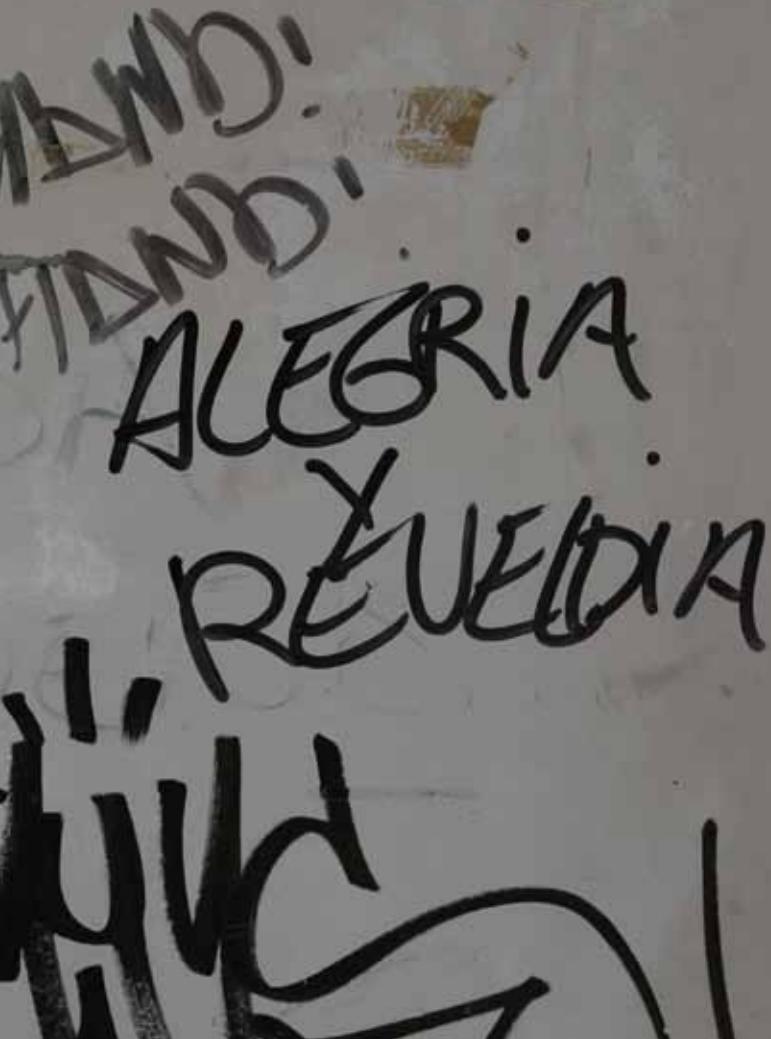


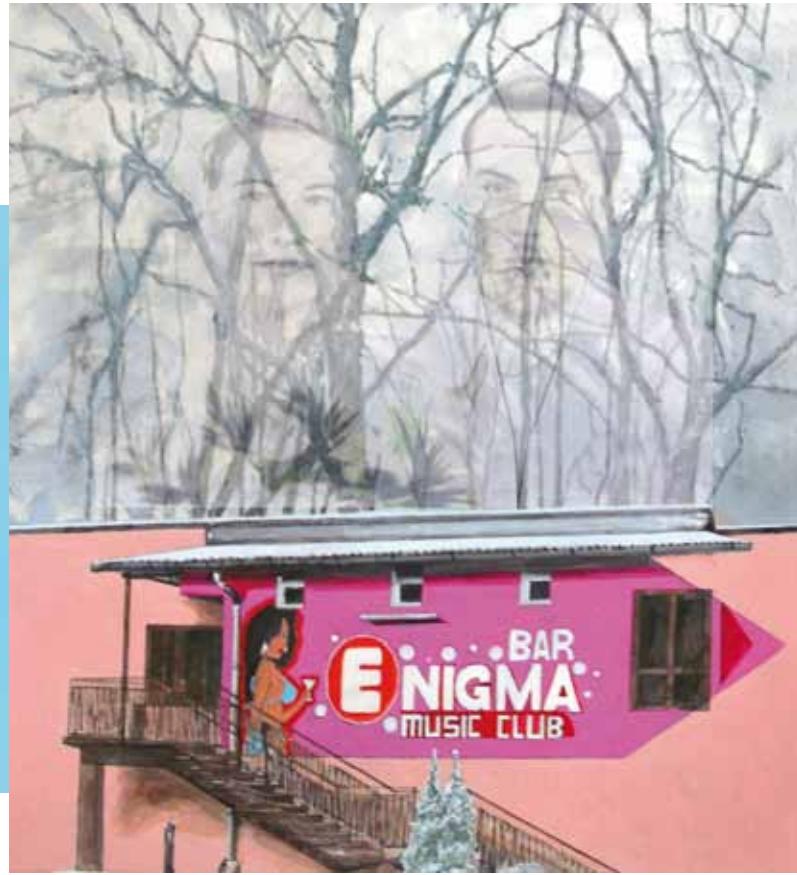














# LOTTA CONTINUA









Novo protesto quer levar mais de 20 mil às ruas nesta quinta-feira. Mobilização capixaba, proporcionalmente, foi uma das maiores do país: mais de 1% da população da Grande Vitória participou da marcha / Protesto leva mais de 20 mil pessoas às ruas de Vitória. Em marcha, manifestantes partiram da Ufes e cruzaram a Terceira Ponte / Vitória tem ato contra criminalização de movimentos sociais. Manifestantes saem da Ufes e seguem em direção à Terceira Ponte. Participantes, também, pedem tarifa zero do transporte público / Manifestação reuniu cerca de 100 mil pessoas em Vitória, segundo Sesp / PM não tem efetivo para protesto de 100 mil', diz secretário no ES / Secretário de Segurança do ES diz que PM esperou para agir em Vitória. Demora se deu por protesto ter muitos locais como focos de atuação / O povo foi para a rua. E agora? / 100 mil nas ruas: o dia em que Vitória parou. Foi o maior protesto realizado no Estado desde o 'Diretas Já' / 'Vadias' protestam no DF contra machismo e Estatuto do Nascituro. Terceira edição da Marcha das Vadias reuniu 3 mil, segundo dados da PM. Grupo é formado também homossexuais, que questionam a 'cura gay' / Protesto atrai 3,5 mil pessoas e tem 50 detidos em Vitória. Passeata saiu da Ufes, passou pela Assembleia e terminou no pedágio. Lojas foram depredadas em Vitória e em Vila Velha após confronto / Praça do pedágio da 3ª Ponte virá 'Faixa de Gaza' dos protestos / O que há sob o asfalto da 3ª Ponte? Talvez o governador Renato Casagrande saiba responder / Manifestantes reagem mal à tentativa do Comando da PM de criminalizar protestos / 'Central de Espionagem' da Vale investigou até artista plástico no Estado / Apesar do 'clima de terror' que antecedeu protesto, mais de 6 mil foram às ruas de Vitória. Nas últimas 48 horas, o governo tentou desmobilizar o protesto. O discurso do "terror" pedia para as pessoas não irem para as ruas nesta sexta (28) / Vitória tem quinto protesto em duas semanas e milhares vão às ruas. Sesp diz que ato teve três mil pessoas, PM estima entre cinco e seis mil. Apesar de clima pacífico, dispersão foi marcada por mais um confronto / A vida sem catracas - Parte I / O vandalismo é o quê? Manifestações vão deixando de lado o grito vago por "saúde e educação" para focar nos problemas capixabas: Rodosol, transporte público, poluição, CPI do Pó Preto, ciclovias... / Semana começa com a promessa de duas

# NOTÍCIAS DE VITÓRIA

manifestações até sexta-feira. Manifestantes planejam ato para esta segunda-feira e outra marcha na quinta-feira / Ales aprova urgência e projeto para extinguir contrato do governo com Rodosol avança / Manifestantes voltam às ruas de Vitória nesta quinta-feira. Com pautas definidas, mais de três mil já confirmaram presença no protesto pelas redes sociais / Reportagem especial: O vandalismo é o quê? / Associação rejeita proposta da Vale sobre passivo ambiental. Projeto para Ponta de Tubarão nada mais é do que maquiagem, critica AAPC / 'A palavra vandalismo para o que está acontecendo não faz sentido' / Assembleia ocupada: grupo avalia que protesto dessa quinta fortaleceu movimento. Manifestantes que ocupam a Casa há 72 horas criticaram a ação violenta da polícia nas ruas / Inteligência da polícia vigia manifestantes nas redes sociais / Justiça determinou hoje a redução do valor do pedágio / Militantes, juiz e deputados avaliam ocupação da Ales, na madrugada. Reintegração de posse da Ales não foi concedida na sexta-feira (12). Grupo quer votação de projeto que acaba com pedágio na segunda (15) / Audiência de conciliação termina após oito horas de negociação na Assembleia / Manifestantes ocupam órgãos públicos de 9 cidades do Brasil / Em 'assembleia', 'black blocs' discutem como escapar da polícia / Repressão policial vai ser denunciada a organismos nacionais de direitos humanos. Conselheiro do Conasp considerou a ação da PM inadmissível e desproporcional / Documentos revelam prisões arbitrárias durante ação policial em protesto / Manifestantes fazem vigília no MPE para pedir a soltura de presos em protesto. Movimento critica a criminalização dos protestos e pede que o órgão ministerial se manifeste pela soltura dos últimos três presos / Pesquisadores divulgam nota contra criminalização dos movimentos sociais / Justiça manda soltar os acusados de vandalismo / A Magia das Vadias / Mulheres da Marcha das Vadias dançam em Copacabana / Mulheres na rua, qual é sua missão? Acabar com o machismo e a exploração! / Prédio do antigo Museu do Índio voltará aos indígenas, decide governo do Rio / Manifestantes ocupam a praça do pedágio na Terceira Ponte. Protesto que começou tímido em frente à Assembleia, com cerca de 200 pessoas, ganhou novas adesões no final da tarde / Vale e ArcelorMittal confirmam participação em audiência pública sobre o pó preto. Frente Parlamentar Ambientalista tem a intenção de que essa seja a prévia de um ciclo de debates sobre a poluição atmosférica / OAB-RJ vai recorrer da decisão que proíbe máscaras em protestos no RJ.



802

**Artium**

El Colegio Oficial de  
Profesionales de la Información  
y las Comunicaciones  
de la Comunidad Valenciana

Plaza de la Virgen del Pilar, 25  
46013 Valencia  
Avda. Blas Infante, 10  
[www.cofipcv.org](http://www.cofipcv.org)  
[www.cofipcv.es](http://www.cofipcv.es)

Gisele Ribeiro  
R. Joaquim Lirio 456 / 802  
Praia do Canto - Vitória  
ES - Brasil  
cep. 29055-460

01113924351

Testuak Textos Textos Texts

### Rafael Sánchez-Mateos Paniagua

*Bi bilioi eta erdi trilioi kuatrilioi kilo materia.*

Sid Ahmed Bouziane Malagako Atzerritarren Zentro  
Itxitik ateratzen.

*Oinarria: Twitter bidez @sergiorodrigok 2011ko abuztuaren  
17an hedatutako irudi bat.*

[ Gauza arrarorik ikusten ez baduzu, ikuspena faltsua da ]

Simeón Saiz Ruiz-en testuak

### Urtarrila

Rafael Sánchez-Mateos Paniaguak eskaintzen digun irudiak eta hura  
txertatuta dagoen irakurketa-segidak sortzen duen eraginak ongi  
adierazten dute, nire ustean, zein den baikortasun kritikoaren alde-  
ko proiektu honen helburua. Gizartearen antolakuntzak eragiten du  
zoritzarra (eta hemen Reagan-en ondoren zabaldu zen New World  
Order izen ezaguna datorkit gogora), eta norbanakoek negoziatu be-  
har dute beren zoriona ezarritako ordenak uzten dituen zirrituetan.

Gure proiektuak irudi bidez adierazi nahi ditu gertakizun  
politikoren batean edo gertakizun politikoren batengatik  
poza adierazi duten gaur egungo gizon-emakumeeen  
ekintzak. Poz horrek esan nahi du egoera larrieta ere  
gizabanakoa gizaki bat dela.

### Federico Guzmán

Margolan hau Cambalache taldearen «kaleko museoa» izeneko  
proiektuaren parte da. Proiektu hori 1998an Bogotan abiarazi-  
tako elkartruke, emakida eta banaketa informalerako ekimena  
da Museo ibiltari horretan ekonomia alternatiboak saiatzen di-  
tuzte, eta ekonomia horiek —merkatu libre delakoek ez bez-  
ala— balio demokratiko eta solidarioen zerbitzura, eta Lurreko  
gizon-emakume eta izaki bizidunen duintasunaren zerbitzura  
jartzen dute berriro pertsonen arteko elkartrukea.

Simeón Saiz Ruiz-en testuak

### Otsaila

Federico Guzmanen irudiak erakusten dugunez, hizpide dugun baikortasuna  
ez da litekeen mundurik onenean gaudela ospatzeko egiten dugun ospaki-  
zun soil bat, baizik eta egoera jakin batzuk finkatzea errazteko inposatutako  
gogo-aldarrea onartzeari aurre egiteko jarduera bat. Beharrezko denaren  
ardura hartzeko beste bizimodu bat beharrezko dela nabarmentzea da.

Batzuetan baikortasunak, izate hutsagatik, eginkizun kri-  
tikoa izan dezake, izaera publikoa baldin badu behintzat.  
Aldizka, baikortasuna onartzearkin, etsipenarekin eta  
esanekotasunarekin ez baina gozamenarekin eta beste bi-  
zimodu batekin eta beste balio batzuekin zerikusia duten  
joka-arauei bizia eman dakiekeen konfiantza da.

## Amalia Barboza

### **«Optimismo kritiko» baterako bidean**

Ohar koadernoko irudi honetan, 2009an egin nuen animazioko bideo baten elementuak erabili ditut. Bideoa Lucas Cranach margolariaren malenkoniar buruzko hiru margolanetan oinarritzen da. Cranach-en Malenkonia Le Corbusier arkitektoaren Villa Saboye-n eserita dago, paisaia idiliko baten erdian. Bere inguruan haurrak jolasean ari dira. Cranach-en malenkonik Artearen Historiako malenkonia alai bakarrak dira eta horregatik

Simeón Saiz Ruiz-en testuak

## Martxoan

Amalia Barbozak optimismoari eta honen aurkakoei lotutako ideien arteko dialektika aztertzen du, malenkoniarren (zenbat eta eragabeagoak izan, orduan eta arrakastagabeagoak diren proiektu utopikoen emaitzen ondorioa) eta jolasaren (haurren senezko

Jende askok, bere inguruko ongizateari eusteko, muturreko ekintzak buru baditzake, barre algara osasungarri bat eragiten duten haietaz agian esan genezake inori ez diotela kalterik egingo.

dira ezagunak. Malenkonia horiek, gainera, bere espíritu kritikoa gorabehera, ez dute erabat galdu utopiaren kontzientzia. Lan hauetan, utopietan sinistru ahal izateko optimismoaren beharrari buruz hausnartzan dut, baina bestalde, baita jarrera kritikoari buruz ere, hau da, utopien alderdi txarrei buruz edota utopiak gauzatzeko ezintasunari buruz. Horrek halako malenkonia ekarri ohi du berekin, pentsaera baikorra eragozten duena eta erabateko geldialdian buka daitekeena.

joera naturaletan adierazten den eran) alegoriak kontrajarriz. Lana ñabardurez, iradokizunez eta erreferentziez betea dago, eta, gainera, ezinago ederra da.

Haurrek beren izaerak bultzaturik barre egiten eta jolasaten dute, eta hori eginez aldaketa harrigarriak eragiten dituzte inguruan. Ertidego ororen aldeko uste ona galdu dugu, baina oraindik ere indar oinarrizkoenen mende gaudé bizirik irauteko.

**Chema Cobo**

«Haiiek ulertzeko moduko mapa bat....  
... erabateko zurigunea, zurigune perfektua!»  
Lewis Carroll, *The hunting of the snark.*

## Simeón Saiz Ruiz-en testuak

**Apirila**

Chema Coboren irudia esanahi-maila ugariz beteta dago. Internetean erraz aurki daiteke izenburua hartzen duen Lewis Carrolen poema, eta Chema Cobok hura irakurtzera gonbidatzen gaitu. Poema nahiko trinkoa da. Koadernoan aipatzen diren ahapaldiek munduaren egoera aipatzen dute zuzenean, agian edozein izaki biziren edozein unetakoa, baina, inondik ere, guk orain bizi du-

**Amnesia**

1071 – Ispiluak galtzera gonbidatzen duten mapa zuri horiek dira.  
1072 – Utopiak norberaren irudi distorsionatua itzultzen duten isiplu zoro horiek dira.  
1073 – Agian, litezkeen mundu guztien artean hau da onena.  
1074 – Utopiak haluzinazio bihurtzen du irudipena.  
1075 – Litekeena da utopia amaitzen den lekuan optimismoa hastea.

guna. Kolore-multzo alaiagatik eta testuaren sinpletasunagatik (*It's all in the game*), irudiaren itxura bateko epai moralik ezagatik, jakina, batek aukeratzen duen alderdia «it's all in the game» da. Baikortasuna utopia amaitzen den tokian hasten delako ideia era askotan islatzen da koadernoetako gainerako lanetan.

Proiektu honetako irudiak mundu guztiari zuzenduta dauden arren, ez dute mundu guzia berdin irudikatzen. Ez daude guztiak irribarrearen alde berean. Nahiak denik eta zoragarrienak izanda ere, badira barreak armarik hartzen ez dutenak, torturatzen eta bortxatzen ez dute-nak, langileak esplotatzen ez dituztenak, dirurik mailegatzen, espekulatzen edota zerga-paradisuetan konturik zabaltzen ez dutenak, lotsagabekeriaz gezurrik esaten ez dutenak, ekintza horiek guztiak eta antzeko beste asko burlaizez eta txantxetan egiten badira ere.

### Monika Anselment

#### *Alegria y reveldia.*

Poza, Kairo. 2011ko otsailaren 12a.

Errebeldia. 2012ko martxoaren 8a.

### Maiatza

Monika Anselment-en koadernoak poz mota zehatz bat erakus-ten digu, izaera politikoko gertaera batek —arabiar herrialdeetako iraultzak— sortutako poza, hain zuzen. Poz hura guztioi kitzan genuen begien aurrean telebistaren eta Interneten bidez, bai-

na egilearekin zerikusirik ez duten ikusleen hitzetan ere espreski erregistratuta geratu ziren. Hala jasotzen da poza eta errebeldia lotzen dituen grafitian, telebistatik hartutako irudietan hain garbi agertzen direnak.

Irudi hauetan agertzen diren pertsonen jarrerak ez dute azalpenik behar. Nor irudikatzeko interesa ote du artistak? Aukeratu ahal izango banu, erdiko klase itxuragabe horren bazterretan daudenetzat sortuko nituzke nik irudiak. Ez hainbeste klase horri funtsa ematen diotenentzat, kontsumoa beren bizi-helburu bakarra bihurtuz, baizik

eta maila horretara iristeko edo bertan mantentzeko borrokatzen diren guztientzat, beren bizi-proiektuak (klase horretatik kanpo, ahal izanez gero) aurrera eraman ahal izateko gutxieneko baliabide duin batzuk lortzen ahale-gintzen direnentzat.

**Marek Szymański**

Mendiko herritxo batean denbora asko ematen dudanez (han bizi bainaiz), bertako jendearen bizimoduari begira egoteko aukera dut. Nik neure atzerritar ikuspuntutik begiratzen diet eta egiten dutena ulertzen ahalegintzen naiz. Munduko korronte nagusitik kanpo dabilta, beren bidexketan barrena. Kulturarekiko beren interesa oso meharra da: eliza, telebista, bertako taberna eta, tarteka, suhiltzaileen ospakizunak. Bai-korrik dira beti, baina, aldi berean, kexatu egiten dira. Inork ez du jada artelan herrikoirik egiteko interesik. Pasibilitatea, aspertzea, basamortua eta irrika. Ez etsipenik, ez gainbehe-

Simeón Saiz Ruiz-en testuak

**Ekaina**

Marek Szymański-k ekainerako egin dituen irudiak garrantzi-tsak dira, adierazten baitute baikortasunaren nozioak ez duela, inondik ere, gizarte-talde guztientzat gauza bera esan nahi. Eta gainera, honako galdera hau eginarazten digu: museoko bisitariak alde

Possible ote litzateke gaur egun hipotekak eragindako-entzako, langabetuentzako, kolokako lanak dituztenen-tzako eta gutxieneko soldata jasotzen dutenentzako artea egitea? Edota egia ote da oraindik biztanle maila horiek

rak, ez krisialdirik, hiriko mirariaren nahi bizia baizik ez. Nire Jodłownik-en taberna bat dago. ENIGMA izena du. Paretak koloretsuak bertan geratzen gonbidatzen ditu bezeroak. Mural hori berregin nahiko nuke, nolabait, nire lanean. Tabernaren aurretik autoz igarotzen naizen bakoitzean abesti bat abestu ohi dut ahoapean: «autobus urdina deika daukagu, gidari jauna, nora garamatzazu...»<sup>1</sup>. Hori da, gutxi gorabehera, nire ipuina. Hasiera eta bukaera behintzat. Nire irudiak horri buruzkoak dira, gutxi gorabehera.

<sup>1</sup>Hitzok Jim Morrisonek The Doors taldearekin kantatzen zuen *The End* kanta ankerretik hartuak dira.

batera, norentzat ari gara egiten gure irudiak? Eta, azkenean, beste ikusle mota batek (museoko bisitariez bestelakoa eta gure publikoa bezala pentsatzen ohitura gaudenok ez bezalakoa seguraski) bereberea duen iruditeria mota batean jartzen du fokua.

ez direla arterako egokiak eta beren ohitura, auhen eta pozibideen deskribapenaren hartzaleak arazo horiek era-giten ez dieten beste gizarte maila batzuetakoak direla?

### Belén Sánchez Albarrán

Naturaren emaitza bat, joritasun handiko elementu bat, delikatua eta galkorra, emetasunari lotua kulturalki, hauskorra erabat eta apaingarria. Pintura hauetako loreak margolanaren mugetatik haratago hedatzen dira, erraldoiak bihurtzen dira, eta beren izaera galkor eta

Simeón Saiz Ruiz-en testuak

### Uztaila

Loreek gogorazten digute gure koadernoak gizarte-gertaerak eta batez ere naturaren aldaketak jasotzen dituen egutegi baten baitan daudela. Aldi berean, Marek Szymański-ren lanak gure ikusleak zeintzuk diren galderari erantzun nahi bazion —bere burua artearen ikusletzat jotzen ez duen kultura-atal bati begiratzean—, Belén Sánchez Albarrán-enak ere galdera hori egiten

hauskorra galtzen dute horrela. Alabaina areagotu egiten zaie oparotasuna eta limurtasuna, sendotasunean eraldatzen dute beren leuntasuna, eta beren izaera apaingarri eta uzkurak asmo inbaditzaile garbi bati uzten dio lekuia.

du ustez jende guztiari atsegin zaion zerbaite irudikatuz. Hala ere, horrexegatik beragatik, ikusleek eta artistek artetik kanpo dagoela pentsatzeko joera dute, nahiz eta ez dagoen ezer artistikoagorik aurrean dugunean kolpatzen gaituen indarra baino, biltzen gai-tuen ongizate-egoera eta ongizate materiagabe horren jabe gare-lako sentipena kontuan izanda.

—zeren ba ote dago ezer primitiboagorik, eragiten dizki-guten sentipenak baino?—, baizik eta denon eskumenean dagoen indar batez baliatzeko aukera ematen diguten baliabideak.

**Carlos Vidal**

### **Egunerokotasuna lan eta itxaropen gisa**

Eguneroeko keinu txikietatik abiatuta ere pentsa liteke iraultza. Eguneroko «etengabeko borroka» gisa (jarraipen energetiko, utopikoa). Borrokak etengabe jarraitzen baitu, beti, jakina: artea horren lekuko da, krisiarekin edota krisirik gabe, tragikotasunak ezin saihestuzko borroka batera

Simeón Saiz Ruiz-en testuak

**Abuztua**

Carlos Vidalen koadernoak egiten ari garena adierazten du, izan ere, etengabeko borroka gure eguneroko bizitzan sartuta baitago. Hartatik bereizirik, gure esperientziaren beste esparru batean ez du izaterik. Horregatik gure koadernoak hondar ale xume bat dira etengabeko borroka horretan. Gainera, beste une

Urtaroen joan-etorriaren erritmoak geure inguruko naturaren turista bihurtzen gaitu maizegi. Kexatu beharrean, turistari loturarik gabe noraezean ibilarazten eta bere ahalbideen eta zoriak uzten dionaren neurrian gozamenerako prest egonarazten dion arintasun sentipen

baikaramatz. Bizia, atsegina eta zuzentasuna, eta justizia nahiak den borroka. Keinu txikiak, itxuraz hutsalak (mikrokeinuak), politikoak dira. Jakina. «Etengabeko borroka»-k adierazten digu dena ez dela erresistenzia, erresistenzia bizitzeko modu bat baita. Ihardukitzea arnasa hartzea da, uko egiten jakitea eta esaten jakitea. Keinu intimoen eta kalearen artean, politikak eboluzionatzen jarraitzen du.

historiko batzuen aipamenak adierazten du gure lana, konfrantazio politiko bortitzak abiarazten zituzten borrokekin alde-ratutako xumea baldin bada ere, ez dagoela bakarrik historiaren mugimenduan.

horretatik ikasi beharko genuke. Ez ditzagun Estatuaren ardurak gure gain hartu. Itzul diezazkiogun. Nola liteke geure burua eraldatzearen mitoan ez erortzea eta aldi berean geure eraldatzea gerta dadin uztea? Historiaren aurkako subjektu bihur gaitezke?

## Claire Angelini

### *Franchir*

*Franchir* ('zeharkatzea') hitzak gure egunero kotasunetik erauzteko egin behar den ahalegina, norberaren eta gizartearena, aipatzen du; funtsezko aldaketa historiko batekik oraindik ere bereizten gaituen distantzia zeharkatzeaz ari da, mugak batzuentzat desagertzen ari diren eta beste batzuentzat, ordea, gero eta gaindiezinagoak diren mundu

Simeón Saiz Ruiz-en testuak

## Iraila

Clair Angelini mugez mintzo da, eta pertsonak muga horiek gainditzeko dituzten zailtasunez (kapitalak, berriz, inongo oztoporik gabe gurutzatzen dituela). Baino kontua ez dira mugak soilik, baita zeharkatu beharreko basamortuak ere, edota borrokaren nahiz beste edozein katastroferen ondoren errausturik geratu den edozein tokitara itzuli behar izatea. Aspaldiko gaia da eta, aldi berean,

honetan. Berlingo igeltsuzko aingeru baten oin honek, berez bezala, Walter Benjaminen Historiaren irudia dakin gogora, bere iritziz «aurrerapenari izena ematen dioten» hondamendi eta ekaitzen hura. Bat dator ertzetako marraski sail baten xehetasun grafikoarekin: lerroei arretaz begiratzen badiezu agian gure arrazoiak sortzen dituzten mamuen aurpegiak ikusiko dituzu azaleratzen.

gaur egungo egoera politikoan funtsezkoa; eta komunikabideetan migrazio-fluxuekin loturik erakusten zaizkigun irudiak tragikoak izan ohi diren arren, dudarik gabe badaude elementu itxaropen-eragileak eta miresgarriak. Bereziki, bizimodu hobe baten bila datozen horien guztien borondatea eta horretarako zoritzarraren aurka azkeneraino borroka egiteko prest dagoena.

Nola kokatu gizartearren anomalian gizartearren mitoetan eta haren sistema ekonomiko eta politikoetan eta klase-sistema guztietan integratuko zaituen prozesu batean zure burua desberdintasuna kudeatzera behartuta ikusi gabe?

a no decir  
cirano de  
doi carne  
di acer no  
ria conde  
dira ceno  
once dira  
renocida  
don recia  
de cria no  
de rin cao  
ordencia  
cerdonia  
radio cen  
ir decano  
dio nacer

Simeón Saiz Ruiz-en testuak

### Urria

Interesgarria da seriearen hasieran Amalia Barbozak arkitektura modernoarekin eta hark eragin zituen ametsekin lotutako irudi bat planteatu bazuen, orain, urtearen bukaera aldera, José Ramón Amondarainek arkitektura garaikidearekin lotutako beste irudi bat aurkeztea. Baino oraingo honetan, ez dauka eragiten duen zorion-promesarekin zerikusirik, zabaltzen dituen estandarizazio-ereduekin baizik, edozein botika onekin gertatzen den bezala fatxada garbi eta ordenatu baten atzean ezkutaturik edo disimulaturik badatoz ere. *Realidad a la carta* izenburuak iradokitzen duen eran, ordea, erregulartasunez kokatutako kristalen atzean era askotako istorioak daude, behin eta berriz berregiteko zain.

Zorigaitzoko garaietan egunerokotasuna ezin iritsizkoa delako irrikatzen da. Ezin dugu onartu egunerokotasuna terapia gisa uler dadin, eskubide gisa baizik, baita banaltasunerako eskubide gisa ere. Horregatik, ez dugu onartu behar egunerokotasuna industria batek egin dezan ere (badakigu zein trebeak diren industria batzuk eta politika bera banaltasuna hornitzen), aitzitik, norbanakoak bere neurriira egin dezan bultzatu behar da.

### Maria Ruotsala

#### *Izarren hautsa gara*

Giza seme-alabok, tradizioz, estura handiko uneetan, zerura begiratu eta otoitz egin izan dugu. Gure baikortasuna muturreko ezkortasunetik jaio da. Era berean, gaur, fisika kuantikoaren garaian, munduaren egoera txit ezkorrean, zerura begiratzen dugu, espaziora, unibertso

amaigabera. Bainaz zeroa eta unibertsoa mutuak dira. Giza seme-alabak betiereko urduritasun egoera batean gaude. Giza seme-alabaren misterioa konpontzeke dago oraindik. «Mirarizkoa ederra da, mirarizkoa baizik ez da ederra eta mirarizkoa baizik ez da ederra».

*Surrealismoren manifestu-tik* hartua.

## Simeón Saiz Ruiz-en testuak

### Azaroa

Maria Ruotsalaren irudiak guztiok eguneroko bizitzan eskura dugun beste erresistentzia-iturri bat aztertzen du: makrokosmoseko gauza zoragarrien aurreko harridura, edertasunaren misterioen aurrean sentitzen dugunaren antzekoa. Egia da ikuskizunaren in-

dustriek edertasuna eta misterioa, oro har, kolonizatzen ari direla. Bainaz oraindik ere badira bestelako toki batzuk, haietan zehar ibiltzeko gogoa izatea besterik eskatzen ez dutenak eta, zeharkaldian, bitzitzako oso baterako langaia eskaintzen digutenak.

Gogokoentzitugun gure jardueretako askotan ez du eraginik irabazi eta galera-ren kalkuluak. Gure bizitzan kalterik ez egiteaz gainera hura alaitzea lortuz burutzen ditugu. Ekonomismoaren aurkako gure bertuteak zabaltzen baditugu, askatu ordez lotzen gaituzten ustezko beharrekiko

mendekotasuna mugatuko dugu agian. Badira, izan ere, alferrik xahutzea eta ustelkeria ez den xahupena, karitatea nahiz esplotazioa ez den eskuzabaltasuna, errukirik gabeko adiskidetasuna eta erlijio- nahiz irrazionaltasun-kutsurrik gabeko sentipenak.

## Gisele Ribeiro

### *Notícias de Vitoria*

Lan hau Espainiako Vitoria-Gasteiz eta Brasilgo Vitória hirien artean —izen horrekin etengabe garaile aldarrikatzen direla eta beren sorreran dagoen politika-kutsua agerian utziz— sortu den Zubian oinarritzen da. 2013ko urtarrilean proiektuaren hasiera bere eginez, proposamena Brasilgo Vitóriako urte osoko egunkarietan agertutako berriak bilduz hasten da, hilero Vitoria-Gasteiztik bidalitako gutun-azal bat jasotzen den bitartean (hilero inprimatzeren diren koadernoak). Urtean

Simeón Saiz Ruiz-en testuak

## Abendua

Gisele Ribeiroren lanak egiazko jendearen eguneroko bizitza hertsatzen duten beharrez jabearazten gaitu. Zikloari hasiera eman zion irudia ere aipagai du nolabait, bizi garen mundu honetan azalean izendatzen diren albisteetako parte-hartaile askok eta askok urtarri-leko argazkian agertzen den tokian amai baitezakete. Gizarte-haserrea masen ekintza erreflexu gisa hartu ohi da ia; eta bertan implikatuta dau-

Babesik gabeko gizakiari geratzen zaion aukera bakarra egitea da, ez ekintza/kontenplazioa dikotomiaren barruan, otzantasanari eta etsipenari aurre eginez baizik. Mekanismo asko ditugu gauzak nola gertatzen diren beste bertsio batzuk

zehar, Brasilen manifestazio-bolada bat hasi zen, haien izaera politikoaren inguruko eztabaidea sutsuekin batera. Une hori garai horretan idatzitako izenburu multzo batean dago jasota, sortu ziren jatorrizko hizkuntzan, portugesez. Horrek, artearen esparrua zeharkatzen duten diskurtsoen eta bisualitateen arteko borrokari ere arreta jartea errazten du. Oraindik ere interesatuek aukera dute abenduko koadernoetan albisteak idazteko eta, gero, Artiumen gutun-azalaren irudian ageri den Brasilgo helbidera bidaltzeko.

den sektoreek zenbat eta gehiago galdu (eta, beraz, beren protestekin zer galdu gutxiago izan), orduan eta gogorragoa izan ohi da haserrea. Bainan dudarik gabe eta baikortasun dosi handiagoa eskatzen du, politikoek gainerakoentzako iritzia fagozitatzeko —besterik gabe ez entzunarena eginez— duten erraztasuna dela eta. Bainan horrek ez ditu gure artean komunikatzeko ditugun bideak desegiten, oraindik ez behintzat.

kontatu eta entzunarazteko. Artistek egin dezakete, eta baita haien publikoak ere. Hori da gure itxaropen bakarra prestazten ari zaizkigun etorkizunak betiko iraun ez dezan.

## Simeón Saiz Ruiz

### **2013. urtea**

Maiatzaren zati batean, ekaineko egun askotan eta, uste dudanez, baita uztaileko batzuetan ere, etxetik Gorteara joanez aritu nintzen goizean, oinez, jaiki eta nere estudiora joan aurretik. Sarrerako mailadiaren aurreko plazan, betikotzen ari ziren lan batzuk zirela eta hesitutik egon zen hilabete haietan —eraikinaren barruko nahiz kanpoko egoeraren metafora zirudiela—, landareen artean loredun zuhaixkaren baten bila ibili nintzen. Kimu gorrimin arrosakara herabe batzuk zituen zuhaitz txiki bat besterik ez nuen aurkitu. Zuhaitzaren aurrean eseri eta marrazten hasi nintzen, Gorteen eraikinari bizkarra emanez. Egin nahi nuenaren benetako zentzua hori zen, politikariei bizkarra eman eta beste gauza bati arreta jartzea. Musulmanek oinetakoak jaurtiz edota buruaren gainetik astinduz adierazten dute beren hase-rea. Guztioik dakigu guretzat bizkarra ematea zer den. Erregeek ez zieten horrelakorik egiten uzten beren mendekoei. Gaur egun ez dago argudio asko eman beharrik inor konbentzitzeko loreen lehertzea politikari gehienak

baino interesgarriagoa dela. Handik bi egunetara ekaitz batek lore gehienak eraman zituen berekin eta geratu zirenak ez zuten askoz gehiago iraun. Handik bi astera zimelduak ziren. Loreak ez dira ia aintzat hartzen, baina hor daude, gure ondasun baliotsu gehienekin gertatzen den bezala. Ur-margo bat margotzen hasi nintzenerako ez zeuden, baina han egonak ziren, eta horregatik ikuspegi hura zen oraindik ere interesgarriena. Keinu hutsal bat, egin zuen hau izan ezik ezer mugitzen edota aldatzen ez duen bakarkako keinu bat. Guztiarekin ere, ulertzen duenarentzat esanahiz betetako keinu bat. Bestalde, hain toki bitxian marrazten ari den norbait ez da nabarmendu gabe geratzen. Lehen unetik poliziak nire inguruari ibili ziren errondak egiten, ezer esan gabe. Azken aldera ondoko hotel bateko atezaia ausartu zen zer egiten ari nintzen erakusteko eskatzen.

**Rafael Sánchez-Mateos Paniagua**

*Dos billones y medio de trillones de cuatrillones de kilos de materia.*

Salida de Sid Ahmed Bouziane del Centro de Internamiento de Extranjeros de Málaga.

A partir de una imagen difundida en *Twitter* por @sergiorodrigo el 17 de agosto del año 2011.

[ *Si no ves nada extraño, la visión es falsa* ]

Textos de Simeón Saiz Ruiz

**Enero**

La imagen que nos ofrece Rafael Sánchez-Mateos Paniagua y el efecto que produce la secuencia de lectura en que la inserta me parece que sienta el tono de lo que pretende el proyecto de un optimismo crítico. Es el orden social (y aquí me viene a la cabeza la famosa denominación de New World Order que empezó a circular tras Reagan) el que causa la desgracia y son los individuos los que tienen que negociar su propia felicidad en los resquicios que deja el orden dado.

Nuestro proyecto pretende dar imagen a las acciones de los hombres y mujeres de hoy día que muestran alegría por o dentro de algún evento de carácter político. Esta alegría significa que aún bajo circunstancias extremas el individuo es un ser humano.

**Federico Guzmán**

Esta pintura pertenece al proyecto museo de la calle del colectivo Cambalache. El museo de la calle es una iniciativa de intercambio, donación y redistribución informal iniciada en 1998 en las calles de Bogotá. Este museo itinerante ensaya economías alternativas que, al revés que los llamados mercados libres, vuelven a poner el intercambio entre las personas al servicio de valores democráticos y solidarios y de la dignidad de los hombres, las mujeres, los seres vivos y la Tierra.

Textos de Simeón Saiz Ruiz

**Febrero**

La imagen de Federico Guzmán muestra que el optimismo de que hablamos no es una mera celebración por creerse en el mejor de los mundos posibles sino una actividad de resistencia a aceptar un estado de ánimo impuesto para facilitar la consolidación de estados de cosas. Es insistir en otra forma de vivir para atender a lo necesario.

En ocasiones, el optimismo, por su mera presencia, puede ejercer una función crítica, siempre que su objeto sea de carácter público. A veces es la confianza de que se puede dar vida de nuevo a viejas máximas que no tienen que ver con la aceptación, la resignación y la sumisión sino con el goce y con otro modo de vida y otros valores.

Amalia Barboza

**Hacia un «optimismo crítico»**

Esta imagen del cuaderno de notas juega con elementos de un video de animación que realicé en 2009. El video se basa en tres cuadros del pintor Lucas Cranach sobre la melancolía. La Melancolía de Cranach está sentada en la Villa Savoye del arquitecto Le Corbusier en medio de un paisaje idílico. Alrededor de ella juegan niños. Las melancolías de Cranach son

Textos de Simeón Saiz Ruiz

Marzo

Amalia Barboza explora la dialéctica entre ideas asociadas al optimismo y a sus contrarios, a través de la contraposición de la alegoría de la melancolía (a la que nos reenvían las consecuencias de los resultados de tantos proyectos utópicos, más fracasados

Si bien mucha gente puede llevar a cabo acciones extremas para conservar el bienestar de los suyos quizás podemos asegurar de aquellas que contienen una sana carcajada, que no harán daño a los demás.

conocidas en la Historia del Arte como las únicas melancolías alegres. Melancolías que a pesar de su espíritu crítico, no han perdido del todo la conciencia utópica. En estos trabajos reflexiono sobre la necesidad de optimismo para creer en utopías, pero por otro lado, sobre la postura crítica, la postura que reflexiona sobre los aspectos negativos de las utopías o sobre la imposibilidad de la realización de la utopía, lo que trae consigo una especie de melancolía, que imposibilita un pensamiento positivo y puede acabar en una total paralización.

cuanto más desmedidos) y del juego tal como puede ser ejemplificado por las fuerzas naturales instintivas del niño. La obra, llena de matices, sugerencias y referencias es además extraordinariamente bella.

Los niños ríen y juegan impulsados por su naturaleza y haciéndolo producen cambios asombrosos a su alrededor. Hemos perdido la fe en toda comunidad, pero aún dependemos de las fuerzas más básicas para seguir viviendo.

**Chema Cobo**

«Un mapa que pudieran entender....  
... ¡un absoluto y perfecto espacio en blanco!»  
Lewis Carroll, *The hunting of the snark.*

**Abril**

La imagen de Chema Cobo está cargada con múltiples niveles de sentido. Es fácil de encontrar en Internet el poema de Lewis Carroll de donde toma el título, y Chema Cobo nos sugiere leerlo. El poema mismo es bastante denso. Los versos citados en el cuaderno se refieren directamente a la situación del mundo, quizás en cualquier momento para cualquier ser vivo, pero ciertamente

**Amnesia**

- 1071 - Los espejos son esos mapas en blanco que invitan a perderse.
- 1072 - Las utopías son esos espejos locos que devuelven una imagen distorsionada de uno mismo.
- 1073 - Quizas, de todos los mundos posibles, este sea el mejor.
- 1074 - La utopía convierte la ilusión en alucinación.
- 1075 – Puede que donde acabe la utopía empiece el optimismo.

a la que vivimos nosotros ahora. Por todo el alegre colorido y la simplicidad del texto, «It's all in the game», por toda la aparente falta de juicio moral de la imagen, por supuesto, el lado que uno toma, «It's all in the game». La idea de que el optimismo comienza allí donde termina la utopía reverbera de formas diferentes con el resto de las obras en los cuadernos.

**Aunque en este proyecto las imágenes van dirigidas a todo el mundo, no pueden representar a todo el mundo por igual. No todos están en el mismo lado de la sonrisa. Por muy maravillosos que puedan parecer los deseos, ciertas risas ni empuñan armas, ni torturan y violan, ni explotan laboralmente, ni prestan dinero, ni especulan, ni abren cuentas en paraísos fiscales, ni mienten con descaro, aunque esas acciones y otras semejantes se suelen hacer también con sorna y guasa.**

### Monika Anselment

#### *Alegria y reveldia.*

Alegría, El Cairo. 12 de febrero de 2011.

Rebeldía. 8 de marzo de 2012.

### Mayo

El cuaderno de Monika Anselment muestra un caso específico de alegría por los resultados de un evento de naturaleza política, las revoluciones en los países árabes, alegría que fue palpable para todos a través de las televisiones e Internet, pero que también que-

do expresamente registrada en las palabras de espectadores ajenos a la autora, como recoge el graffiti que une los términos alegría y rebeldía que tan claramente aparecen después en las imágenes tomadas de la TV.

Los sujetos de estas imágenes hablan por sí mismos. ¿A quién puede tener interés de representar el artista? Si se pudiese elegir yo crearía imágenes para los márgenes inferiores de la informe clase media. No tanto a los que le dan cuerpo aceptando convertir el consumo en el úni-

co objetivo vital sino a todos los que luchan por llegar o mantenerse en ella, asegurarse unos recursos mínimamente dignos para seguir con sus propios proyectos de vida, desclasados si fuese posible.

### Marek Szymański

Como paso mucho tiempo en el pueblo de montaña (donde de hecho vivo), tengo ocasión de observar a la gente que vive allí. Como extranjero, los miro e intento entender lo que hacen. Están fuera de la corriente dominante en el mundo, transitando por sus propias sendas. Sus intereses culturales son extremadamente estrechos: iglesia, televisión, bar local y, de vez en cuando, celebraciones de bomberos. Siempre son optimistas pero al mismo tiempo se quejan. A ninguno le interesa ya hacer artesanía popular. Pasividad, aburrimiento, desierto y anhelos. Ninguna desesperación, deca-

dencia o crisis, únicamente añoranza por el milagro de la ciudad. En mi Jodłownik hay un bar. Se llama ENIGMA. El colorido mural invita a los clientes a entrar. De algún modo me gustaría repetir este mural en mi trabajo. Cada vez que paso en coche por delante tarareo esta canción: «el autobús azul nos está llamando, conductor, a dónde nos llevas...»<sup>1</sup>. Este es mi cuento de hadas. En cualquier caso, el comienzo y el final. Más o menos, mis imágenes son sobre eso.

<sup>1</sup>Palabras de la cruel canción *The End* de Jim Morrison, cantada por el grupo The Doors.

### Junio

Las imágenes que ha creado Marek Szymański para junio son importantes porque expone el hecho de que la noción de optimismo por supuesto no significa lo mismo para todo grupo social. Y además hace surgir la pregunta de para quién estamos haciendo nuestras imágenes más allá de los visitantes del museo. Y finalmente

enfoca hacia el tipo de imaginería propia de una completamente diferente sección del público, diferente posiblemente de los visitantes del museo y de aquellos que estamos acostumbrados a pensar como nuestro público.

¿Se podría hoy día hacer arte para los afectados por la hipoteca, para los desempleados, para los ocupados en empleos precarios y para los que perciben salarios mínimos? ¿O sigue siendo cierto que esas capas de población

no tienen ningún uso para el arte y que la descripción de sus costumbres, lamentos y consuelos tienen como destinatarios otras capas sociales no afectadas por sus problemas?

### Belén Sánchez Albarrán

Un resultado de la naturaleza, un elemento exuberante, delicado y efímero, asociado culturalmente con la feminidad, extremadamente frágil y decorativo. Las flores en estas pinturas se expanden más allá de los límites del cuadro, se hacen gigantes, y pierden así su carácter pe-

recedero y frágil. Aumenta sin embargo su opulencia y voluptuosidad, transforman su delicadeza en fortaleza y su carácter decorativo y retraído deja paso a una clara intención invasiva.

### Julio

Las flores nos recuerdan que nuestros cuadernos están inmersos en un calendario que no es sólo de eventos sociales sino sobre todo de cambios naturales. Al mismo tiempo, si la obra de Marek Szymański se enfrentaba con la pregunta de quién es nuestro público, al mirar a un segmento cultural que quizás no se siente público del arte, la de Belén Sánchez Albarrán también se enfrenta a esa

pregunta al producir algo que supuestamente le gusta a toda la gente, pero que por ello, público y artistas, tienden a considerar fuera del arte y sin embargo nada más artístico que la fuerza con que nos golpea cuando lo tenemos delante, por el estado de bienestar con que nos envuelve y por la sensación de que ese bienestar inmaterial nos pertenece.

Las flores no son tanto la nostalgia de un mundo original sin contaminar por la civilización –¿y qué hay más civilizado que nuestra apreciación de las flores?–, ni el retorno

a una cultura hipercodificada –¿pues qué hay más primario que las sensaciones con las que nos envuelven?– sino el recurso a una fuerza disponible a todos.

## Carlos Vidal

### *Lo cotidiano como trabajo y esperanza*

Es posible pensar la revolución a partir de pequeños gestos del día a día. Lo cotidiano como «lucha **continua**» (continuidad energética, utópica). Porque la lucha **continúa**, siempre, claro: el arte es un testimonio de esto, con crisis o sin crisis, pues lo trágico nos lleva a una lucha inevitable. Lucha que es vida, placer y aspiración de equidad y

de justicia. Los pequeños gestos, los gestos aparentemente insignificantes (micro-gestos) son políticos. Ciertamente. La «lucha continua» nos dice que no todo es resistencia, pues la resistencia es una forma de vida. Resistir es respirar, saber rechazar y saber afirmar. Entre los gestos íntimos y la calle, la política va evolucionando.

## Agosto

El cuaderno de Carlos Vidal expresa lo que estamos haciendo, la lucha continua está inserta en nuestra vida cotidiana, no existe separada de ésta, en un ámbito distinto de nuestra experiencia. Por ello, nuestros cuadernos son un pequeño grano de

arena en la lucha continua. Además, con las referencias a otros momentos históricos señala que nuestro trabajo, aunque modesto comparado con luchas que ponían en juego intensas confrontaciones políticas, no está solo en el movimiento de la historia.

**El ritmo de las estaciones nos convierte demasiado a menudo en turistas de nuestra propia naturaleza. En vez de lamentarnos, quizás debemos aprender de esa sensación de levedad que le hace al turista deambular sin ataduras y estar abierto a la fruición en la medida de sus**

**posibilidades y del azar. No asumamos las responsabilidades del Estado. Devolvámoslas. ¿Cómo no caer en el mito de la autotransformación y todavía dejar, permitir nuestra transformación? ¿Podemos convertirnos en sujetos antihistóricos?**

## Claire Angelini

***Franchir***

*Franchir* ('atravesar') se refiere a un esfuerzo íntimo y social que ha de realizarse para arrancarnos del presente: trata sobre el hecho de atravesar la distancia que aún nos separa de un cambio histórico sustancial, en este mundo en el que las fronteras empiezan a desaparecer para unos y, en cambio, resultan cada vez más infranqueables para otros. Este pie de

un ángel berlínés de escayola remite con toda naturalidad a la figura de la Historia de Walter Benjamin, aquella de los desastres y las tormentas que, en su opinión, «dan nombre al progreso». Entra en consonancia con el detalle gráfico de una serie de dibujos en los bordes: si miras atentamente a las líneas, quizás veas emerger las caras de los monstruos que produce nuestra razón.

## Septiembre

Clair Angelini habla de las fronteras y del difícil tránsito de las personas por ellas (cuando el capital las cruza sin dificultades). Pero no se trata sólo de las fronteras, también de los desiertos a atravesar o de los regresos a cualquier paisaje que ha sido dejado yermo después de la batalla o de cualquier catástrofe. Es un tema antiguo y a la vez sin duda clave en el panorama político contem-

poráneo y aunque las imágenes que vemos en los medios asociadas a los flujos migratorios suelen ser trágicas, sin duda hay elementos esperanzadores y dignos de admiración. Especialmente la voluntad de toda esa gente que quiere buscar una vida mejor y está dispuesta a luchar por ello hasta el final contra toda adversidad.

**¿Cómo situarse en la anomalía social sin verte obligado a gestionar la diferencia en un proceso que siempre te integrará en los mitos de la sociedad y en todos sus sistemas económicos, políticos y de clase?**

a no decir  
cirano de  
doi carne  
di acer no  
ria conde  
dira ceno  
once dira  
renocida  
don recia  
de cria no  
de rin cao  
ordencia  
cerdonia  
radio cen  
ir decano  
dio nacer

### Octubre

Es interesante que al principio de la serie, Amalia Barboza plantease una imagen relacionada con la arquitectura moderna y los sueños utópicos que generó y que ahora, hacia el final del año José Ramón Amondarain presente otra imagen relacionada con la arquitectura contemporánea, esta vez no tanto con la promesa de felicidad que suscita sino con los efectos de estandarización que propaga, ocultos o disimulados como en cualquier buen fármaco tras una fachada limpia y ordenada. Pero como el título insinúa, *Realidad a la carta*, tras cristales regularmente dispuestos se ocultan historias diferentes, susceptibles de ser recreadas una y otra vez.

En tiempos trágicos la cotidianidad es anhelada por inaccesible. La conquista de la cotidianidad no podemos dejar que sea entendida como una terapia sino como un derecho, un derecho a la banalidad también. Por eso tampoco debemos dejar que la cotidianidad sea construida por una industria (sabemos cuán duchas son ciertas industrias y la política misma en proporcionar banalidad), sino que hay que contribuir a que el individuo la cree a su medida.

### Maria Ruotsala

Tradicionalmente, el ser humano, en momentos de angustia, ha vuelto su rostro hacia el cielo para orar. Su optimismo nace del pesimismo extremo. Igualmente hoy, en la era de la física cuántica, en el estado extremamente pesimista del mundo, volvemos nuestro rostro hacia el cielo, hacia el espacio, hacia el universo infinito. Pero el

cielo y el universo son mudos. El humano permanece en un estado de eterna zozobra. El misterio del ser humano es algo que aún no se ha resuelto.

«Lo milagroso es hermoso, solo lo milagroso es hermoso y solo lo milagroso es hermoso».

*Del Manifiesto del surrealismo.*

### Noviembre

La imagen de Maria Ruotsala explora otra fuente de resistencia disponible para todos en la vida cotidiana, el asombro ante las maravillas del macrocosmos que es semejante al que sentimos frente a los misterios de la belleza. Es cierto que la belleza y el misterio en

general está siendo colonizado por las industrias del espectáculo. Pero aún encontramos espacios cuyo recorrido sólo nos cuesta el deseo de hacerlo y que nos da materia para ocupar toda una vida.

Muchas de nuestras actividades más queridas no se dejan influir por el cálculo de la ganancia y la pérdida. Lo hacemos consiguiendo que éstas no solo no nos perjudiquen sino que además alegran nuestras vidas. Si extendemos nuestras virtudes antieconomicistas quizás limitemos

nuestra dependencia de aparentes necesidades que nos sujetan en vez de liberarnos. Porque hay gasto sin ser dilapidación y corrupción, generosidad sin ser caridad ni explotación, amistad sin compasión, y sentimientos sin connotaciones ni religiosas ni irracionales.

### Gisele Ribeiro

#### *Notícias de Vitória*

El trabajo fue concebido a partir del puente que se establece entre las dos ciudades que lo enmarcan, que con el mismo nombre se afirman constantemente como victoriosas, aunque dejando perceptible lo político que las fundó. Vitoria-Gasteiz en España y Vitória en Brasil. Tomando como suyo el comienzo del proyecto general en enero de 2013, la propuesta empieza con la colecta de las noticias emitidas por los periódicos de Vitória (Brasil) durante todo el año, mientras se recibe cada mes un sobre proveniente de Vitoria-Gasteiz (los

Textos de Simeón Saiz Ruiz

### Diciembre

El trabajo de Gisele Ribeiro nos hace conscientes de las necesidades que oprimen la vida cotidiana de gente muy real. Indica también hacia la imagen que abría el ciclo, pues, en el mundo en que vivimos, muchos de los participantes en las noticias enumeradas en la portada pueden acabar en el lugar del que se sale en la fotografía de enero. Se suele tomar la indignación social casi como un acto

**Al sujeto desamparado lo único que le queda es hacer, no dentro de la dicotomía acción/contemplación, sino frente a la docilidad y a la resignación. Tenemos muchos mecanismos para contar y hacer oír otras versiones de como**

cuadernos impresos mensualmente). Durante el año, comenzó en Brasil una gran ola de manifestaciones acompañadas de animados debates sobre su condición política. Este momento está capturado en un conjunto de titulares producidos en el período, presentados en la lengua original en que fueron generados, el portugués. Ello permite que la atención se vuelva también hacia la lucha entre los discursos y las visualidades que atraviesan el campo del arte. Planteamos aún la posibilidad de que aquellos interesados utilicen los cuadernos de diciembre para apuntar noticias que pueden ser reenviadas a la dirección en Brasil visible en la imagen del sobre de Artium.

reflejo de las masas, tanto más virulenta cuanto los sectores implicados más hayan perdido ya y por tanto menos tengan que perder con sus protestas. Pero sin duda cada vez exige una mayor dosis de optimismo, dada la facilidad de los políticos de fagocitar la opinión de los demás, simplemente ignorándola. Pero eso no acaba con los canales para comunicarnos, o al menos aún no.

**sucedan los hechos. Los artistas pueden hacerlo y su público también. Es la única esperanza para que el porvenir que nos preparan no perdure eternamente.**

Simeón Saiz Ruiz

**Año 2013**

Durante parte del mes de mayo, muchos días de junio y creo que algunos de julio, estuve yendo desde mi casa, andando, hasta las Cortes, por la mañana, al levantarme y antes de ir a mi estudio. En la plaza frente a la escalinata de entrada, en esos meses valladas por unas obras que se eternizaban y parecían una metáfora del estado de la vida en el interior del edificio tanto como en el exterior, busqué entre la vegetación algún arbusto con flores. Sólo encontré un pequeño árbol con unos tímidos brotes de un carmín rosado. Me senté frente al árbol y me puse a dibujarlo, dando la espalda al edificio de las Cortes. Todo el sentido de lo que quería hacer estaba en este dar la espalda a los políticos e interesarme por otra cosa. Los musulmanes expresan su indignación lanzando zapatos o blandiéndolos en alto. Todos sabemos lo que para nosotros es dar la espalda. Los reyes no lo permitían de sus vasallos. Hoy en día no hay que argumentar mucho para convencer de que el estallido de la flor se hace mucho más interesante que la mayoría de los políticos. Tras un par de días una tormenta se llevó la mayoría de las flores

y las que quedaron no duraron mucho más, en un par de semanas ya estaban marchitas. Las flores apenas se aprecian, pero están ahí, como ocurre con la mayoría de nuestros bienes más preciosos. Cuando empecé a pintar una acuarela ya no estaban, pero habían estado ahí y esa vista seguía por ello siendo la más interesante. Un gesto inútil, un gesto individual que no mueve ni cambia nada excepto a mí mismo que lo hice. Sin embargo preñado de significado para quien lo comprenda. Por lo demás alguien dibujando en un lugar tan insólito no podía pasar desapercibido, desde el primer momento los policías hacían rondas cerca de mí, sin decirme nada, mientras que ya al final un portero de un hotel contiguo se animó a pedirme que le enseñara qué hacía.

### Rafael Sánchez-Mateos Paniagua

*Two billions and a half of trillions of quadrillions of kilos of matter.*

Departure of Sid Ahmed Bouziane from the Internment Centre for Foreigners in Malaga.

From an image circulated via Twitter by @sergiorodrigo on August 17, 2011.

[ *if you don't see anything strange, the view is false* ]

### Simeón Saiz Ruiz's texts

#### January

The image provided by Rafael Sánchez-Mateos Paniagua and the effect it produces by the position in the reading sequence in which he places it, I believe sets the tone of the aims of a project on critical optimism. It is social order (and the famous phrase “New World Order”, which began circulating after Reagan, springs to mind here) that causes misfortune and it is individuals who have to negotiate their own happiness in the cracks left by any given order.

The aim of our project is to create an image of the actions of men and women of today that express joy about or within an event of a public nature.

This joy means that even under extreme circumstances, individuals are human beings.

### Federico Guzmán

This painting is part of a street museum project by the Cambalache Collective. The street museum is an initiative of the informal exchange, donation and redistribution that began on the streets of Bogota in 1998. This travelling museum tests out alternative economies that, unlike so-called “free markets”, once again place exchange between people serving democratic, charitable values and the dignity of men, women, living beings and the Earth.

### Simeón Saiz Ruiz's texts

#### February

Federico Guzmán's image shows that the optimism we are discussing is not simply a celebration of believing in the best of all possible worlds, but an activity of resistance against accepting an imposed state of mind to facilitate the consolidation of the state of things. It is insisting in another way of living to address what is necessary.

Optimism, simply by being present, can sometimes exert a critical function, provided that its aim is public in nature. At times, optimism is the confidence that old maxims can be brought back to life that have nothing to do with acceptance, resignation and submission, but with enjoyment and another lifestyle and other values.

## Amalia Barboza

### **Towards a «Critical Optimism»**

This notebook image plays with elements of an animated video I made in 2009. The video is based on three paintings on melancholy by Lucas Cranach. Cranach's Melancholy sits in the Villa Savoye by the architect Le Corbusier amidst an idyllic landscape, while children play around her. Cranach's melancholies are renowned in art history as the only happy melancholies. Melan-

cholies that despite their critical spirit have not entirely lost a utopian consciousness. In these works, I reflect on the need for optimism to believe in utopias, but also on a critical stance, a stance reflecting the negative aspects of utopias or the impossibility of realising utopias, which is accompanied by a kind of melancholy that prevents positive thinking and can lead to a complete standstill.

## March

Amalia Barboza explores the dialectic between ideas associated with optimism and their opposites by comparing the allegory of melancholy (to which we are forwarded by the consequences of the results of many utopian projects—the bigger they are, the bigger

the failure) to play, as exemplified by the instinctive, natural forces of children. The work, full of nuances, suggestions and references, is also extraordinarily beautiful.

Although many people are able to carry out extreme actions to preserve the welfare of their family, perhaps we can only be sure of those actions that contain healthy laughter, that do no harm to others.

Children laugh and play as driven by their nature, and by doing so they produce amazing changes in their surroundings. We have lost faith in the community, but still rely on our most basic strengths to stay alive.

### Chema Cobo

"A map they could all understand....  
... A perfect and absolute blank!"  
Lewis Carroll, *The Hunting of the Snark.*

### Simeón Saiz Ruiz's texts

#### April

Chema Cobo's image is loaded with multiple levels of meaning. It is easy to find the Lewis Carroll poem from which the work takes its title on the Internet and Chema Cobo suggests we read it. The poem itself is quite dense. The verses quoted in the notebook refer directly to the state of the world, perhaps at any given time for any living being, but certainly to the state we are currently experi-

Although the images in this project are aimed at everyone, they cannot represent everyone equally. Not everyone is on the same side of the smile. No matter how wonderful wishes may seem, certain laughter wields no

### Amnesia

- 1071 – Mirrors are those blank maps that entice you to lose yourself.
- 1072 – Utopias are those crazy mirrors that reflect a distorted image of yourself.
- 1073 – Perhaps, of all possible worlds, this one is the best.
- 1074 – Utopia converts hope into hallucination.
- 1075 – It may be that optimism begins where utopia ends.

encing. For all its bright colours and simplicity of text—"It's all in the game"—for all the image's apparent lack of moral judgment, of course, the side that one takes—"It's all in the game". The idea that optimism begins where utopia ends reverberates in various ways with the other works in the notebooks.

weapons, nor does it torture or rape, nor does it exploit labour, or lend money, or speculate, or open accounts in tax havens, or lie insolently, although these and similar actions are usually also done with sarcasm and jocul.

**Monika Anselment***Alegria y reveldia.*

Happines, Cairo, February 12, 2011.

Rebellion. March 8, 2011.

## Simeón Saiz Ruiz's texts

**May**

Monika Anselment's notebook shows a specific case of joy resulting from an event of a political nature, the revolutions in the Arab countries. A joy that was palpable to everyone through TV and the Internet, but that was also expressly recorded in the words

The subjects of these images speak for themselves. Who could the artist be interested in representing? If one could choose, I would create images for the lower margins of the formless middle class. Not so much for those who give it substance by agreeing to convert consump-

of spectators unknown to the artist, as can be seen in this piece of graffiti combining the words "joy" and "rebellion", which can clearly be seen in the TV images.

tion into the sole purpose in life, but to all those who struggle to reach or maintain themselves in it, ensuring some minimally decent resources to continue their own life projects, outside class if it were possible.

**Marek Szymański**

Since I spend a lot of time in the mountain village (where I actually live) I have the opportunity to observe the people's life there. As the stranger I watch them and try to understand what they do. They are out of the world's main-stream, walking down their own paths. Their cultural interests are extremely narrow: church, TV, local bar, rarely firebrigade celebrations. They are always optimists and complain at the same time. No one is interested in making folk-style artworks anymore. Passivity, boredom, desert and yearning. No despair, no decay, no

crisis, just longing for the miracle of town. There is a bar in my Jodłownik. It is called ENIGMA. The colourful mural invites the guests to stop by. This mural I'd like to repeat somehow in my work. Each time when I pass the bar I use to hum these words in the car: "the blue bus is callin' us, driver where you takin' us..."<sup>1</sup>. Such is my fairy tale. Anyway, the beginning and the end. My images are about that, more or less.

<sup>1</sup>These are the words taken from The Doors' cruel song titled *The end* by Jim Morrison.

**June**

The images created by Marek Szymański for June are important because they expose the fact that the notion of optimism is, of course, not the same for all social groups. They also raise the question of whom we are creating our images for beyond that of

museum visitors. And they finally focus on the types of images pertaining to a completely different section of the public, possibly different from museum visitors and those who we are accustomed to thinking of as our public.

Could art be made today for people with mortgage problems, for the unemployed, for those employed in precarious jobs and for those on minimum wage? Or is it still true that these population groups have no use for art and

that describing their habits, grievances and comforts is ultimately addressed to other social groups not affected by their problems?

**Belén Sánchez Albarrán**

A result of nature, a luxuriant, delicate and ephemeral element that is culturally associated with femininity, extremely fragile and decorative. The flowers in these paintings extend beyond the limits of the frame, becoming gigantic and thus losing their perishable, fragile

nature. But it increases their opulence and voluptuousness, transforming their delicacy into strength and their decorative, reserved nature gives way to a clearly invasive purpose.

**July**

These flowers remind us that our notebooks are to be found in a calendar that is not only for social events, but also especially for natural changes. Similarly, if Marek Szymański's work addressed the question of who our public is by looking at a cultural segment that perhaps does not feel like an art public, Belén Sánchez Albarrán also addresses this question by producing something

that supposedly all people love, but that because of this, public and artists tend to consider as outside art. And yet there is nothing more artistic than the force with which it hits us when we are looking at it, because of the state of wellbeing with which it envelops us and the feeling that this intangible wellbeing belongs to us.

**Flowers are not really nostalgia for an original world uncontaminated by civilisation –and what is more civilised than our appreciation of flowers?– nor are they the return**

**to a hypercodified culture—for what is more primal than the sensations with which they envelop us?—they are the recourse to a strength available to us all**

## Carlos Vidal

### *The everyday as work and hope*

It is possible to think of the revolution from small day-to-day gestures. The everyday as “**continuous** struggle” (energetic, utopian continuity). Because, of course, the struggle **continuous**, always: art is a testament to this, with or without a crisis, because tragedy leads us to an inevitable struggle. Struggle that is life, pleasure and de-

sire for fairness and justice. Small gestures, seemingly insignificant gestures (micro gestures) are political. Definitely. “Continuous struggle” tells us that not everything is resistance, because resistance is a way of life. To resist is to breathe, to know how to reject and to know how to affirm. Between personal gestures and the street, politics is evolving.

## August

Carlos Vidal's notebook expresses what we are doing, the ongoing struggle has been embedded into our daily lives and it does not exist separately in a different realm of our experience. This is why our notebooks are a small grain of sand in this ongoing struggle. In addition to referenc-

es to other historical moments, it shows that our work, although modest compared to struggles that brought into play intense political confrontations, is not alone in the movement of history.

The rhythm of the seasons much too often converts us into tourists of our own nature. Instead of complaining, perhaps we should learn from that feeling of lightness that makes the tourist wander about without any ties and be open to delight to the extent of its possibilities

and chance. Let us not assume the responsibilities of the State. Let us return them. How not to fall into the myth of self-transformation and yet still allow, permit our transformation? Can we convert ourselves into anti-historical subjects?

### Claire Angelini

#### **Franchir**

Franchir (to cross) refers to a required intimate and social effort to be done in order to tear ourselves from the present: it is about to cross the distance which still separates us from a major historical change, in this world where the borders become non-existent for the ones, and increasingly insuperable for the others. This foot of a Berliner plaster angel, plaster angel

returns naturally to Walter Benjamin's figure of History, that of the disasters and the storms, which for him "named the Progress". It enters in resonance with the graphic detail of a drawing series on borders: if you look carefully at the lines, you will maybe see emerge the faces of the monsters that our reason produces.

### Septiembre

Clair Angelini addresses borders and the difficult movement of people across them (although capital can cross them without any difficulties). But it is not only about borders, but also deserts to cross or returns to any landscape that has been left barren after a battle or catastrophe. It is an old subject that is simultaneously es-

sential in the contemporary political landscape and although the images we see in the media dealing with migratory flows are often tragic, they also contain hopeful elements that are worthy of admiration. In particular, the will of all these people who want to seek a better life and are willing to fight for it until the end against all odds.

**How to position yourself in the social anomaly without being forced to manage the difference in a process that will always integrate you into society's myths and all of its economic, political and class systems?**

a no decir  
cirano de  
doi carne  
di acer no  
ria conde  
dira ceno  
once dira  
renocida  
don recia  
de cria no  
de rin cao  
ordencia  
cerdonia  
radio cen  
ir decano  
dio nacer

---

Simeón Saiz Ruiz's texts

October

It was interesting at the beginning of the series that Amalia Barboza provided an image related to modern architecture and the utopian dreams it generated and that now, towards the end of the year, José Ramón Amondarain presented us with another image related to contemporary architecture, but this time less to do with the promise of happiness that it raises than the effects of standardisation it spreads, which are hidden or concealed, as in any good drug, behind a neat and ordered façade. But as the title suggests, *Realidad a la carta*, various stories that can be recreated again and again lie hidden behind regularly arranged windows.

In tragic times everydayness is yearned for because of its inaccessibility. We cannot allow the conquest of everydayness to be understood as a therapy but as a right, a right to banality too. This is why we must also not allow everydayness to be built by an industry (we know how skilful certain industries and politics itself are in providing banality), but we have to help individuals tailor it to themselves.

## Maria Ruotsala

### **We are stardust**

Human being traditionally, in a moment of anguish, has turned his face up to the sky—to pray. His optimism rises from extreme pessimism. Equally now, in the era of Quantum Physics, in the extreme pessimistic state of the world, we turn our faces up to the sky—to the space, to

the infinite universe. But sky and universe are silent. Human remains into an eternal restlessness. The mystery of the human being hasn't been resolved to this day.

“Miraculous is beautiful, only miraculous is beautiful and only miraculous is beautiful.”

From the *Manifesto of Surrealism*.

## November

Maria Ruotsala's image explores another source of resistance available to everyone in everyday life: the wonder at the marvels of the macrocosm, which is similar to that felt when faced with the mysteries of beauty. It is true that beauty and mystery are in general

being colonised by the entertainment industries, but we can still find spaces to traverse simply with the desire to do so, providing us with material to fill a lifetime.

Many of our most cherished activities are not swayed by calculating profits and losses. We do them by ensuring that they not only do not harm us, but also brighten up our lives. If we extend our anti-economic virtues, we can then perhaps limit our dependency on so-called necessi-

ties that restrain rather than liberate us. Because there is spending without waste and corruption, generosity that is neither charity nor exploitation, friendship without compassion and feelings with neither religious nor irrational connotations.

**Gisele Ribeiro****Notícias de Vitória**

The work was conceived on the basis of the bridge existing between the two cities within which it is framed, constantly asserting themselves as victorious with their same name yet leaving the political element that founded them perceivable. Vitoria-Gasteiz in Spain and Vitória in Brazil. Assuming the commencement of the overall project in January 2013, the idea began by gathering together news reports published by newspapers in Vitória (Brazil) throughout the entire year, while an envelope is received each month from Vitoria-Gas-

Simeón Saiz Ruiz's texts

**December**

Gisele Ribeiro's work makes us aware of the needs that oppress the daily lives of very real people. It also refers to the image that opened the series, because in the world we live in, many of the people in the news items listed on the front cover can end up in the place shown in the photograph from January. Social indignation is usually seen almost as a reflex action of the masses, the more virulent the most

**The only thing left for a helpless person is the act of doing, not as part of the dichotomy of action/contemplation but against docility and resignation. We have many mechanisms for recounting and making heard other ver-**

teiz (the notebooks that are printed monthly). A large wave of demonstrations began in Brazil during the year accompanied by lively discussions about its political situation. This moment is captured in a series of headlines produced during this period, presented in the original language in which they were written: Portuguese. This helps to also redirect attention to the struggle between the discourses and visual elements that traverse the field of art. We also suggest the possibility of anyone interested in using the December notebooks to make a note of any news items that can be forwarded to the address in Brazil appearing in the Artium envelope image.

have the sectors involved lost and, therefore, have less to lose with their protests. But it undoubtedly demands an increasingly higher dose of optimism, given the ease that politicians have in engulfing the opinions of others by simply ignoring them. But this has not destroyed our channels of communication, or at least not yet.

sions of how events happen. Artists are able to do this and their audiences too. It is the only hope so that the future they are preparing for us does not endure forever.

## Simeón Saiz Ruiz

### *The year 2013*

During part of the month of May, many days in June and I think a few in July, I used to walk from my house to the Spanish Parliament in the morning, after waking up and before going to my studio. In the square facing the steps to the entrance, during those months when they were fenced off for some construction work that dragged on and seemed to be a metaphor for the state of life inside as well as outside the building, I would search for a flowering shrub among the vegetation. All I found was a small tree with some hesitant, lipstick-red coloured buds. I sat down in front of the tree and started to sketch it, with my back to the Parliament. The whole point of what I wanted to do lay in this turning my back on politicians and showing an interest in something else. Muslims express their outrage by hurling or brandishing shoes. We all know what turning your back on somebody means for us. Royalty did not allow it of its vassals. You do not need to argue too much today to convince people that a budding flower is a lot more interesting than most politicians. After a couple of days, a

storm took most of the flowers and those that remained did not last much longer, for they had wilted in a couple of weeks. Flowers are barely appreciated, but they are there, as is the case with the majority of our most precious assets. When I started painting a watercolour they were no longer there, but they had been and that view was therefore still the most interesting thing. A useless gesture, an individual gesture that neither moves nor changes anything other than I myself who did it. But it is charged with meaning for those who understand it. Nonetheless, someone drawing in so unusual a place could not go unnoticed, and from the beginning police officers did their rounds near me without saying a word, until finally the doorman of an adjacent hotel dared to ask me to show him what I was doing.

Baikortasun kritikorako hamabi koaderno  
Doce cuadernos para un optimismo crítico  
Twelve notebooks for a critical optimism

2013ko Artiumen ohar koadernoak egiteko  
Simeón Saiz Ruizek burututako proiektua  
Proyecto a cargo de Simeón Saiz Ruiz  
para los cuadernos de notas de Artium durante el año 2013  
Project organised by Simeón Saiz Ruiz  
for Artium's notebooks throughout the year 2013

Parte hartu duten artistak/ *Artistas participantes/ Participating artists*  
*Urtarrila/ Enero/ January:* Rafael Sánchez-Mateo Paniagua  
*Otsaila/ Febrero/ February:* Federico Guzmán  
*Martxoa/ Marzo/ March:* Amalia Barboza.  
*Apirila/ Abril/ April:* Chema Cobo  
*Maiatzia/ Mayo/ May:* María Ruotsala  
*Ekaina/ Junio/ June:* Marek Szymanski  
*Uztaila/ Julio/ July:* Belén Sánchez Albarrán  
*Abuztua/ Agosto/ August:* Carlos Vidal  
*Iraila/ Septiembre/ September:* Clair Angelini  
*Urria/ Octubre/ October:* José Ramón Amondarain  
*Azaroa/ Noviembre/ November:* Monika Anselment  
*Abendua/ Diciembre/ December:* Gisele Ribeiro  
*Eta 13./ y nº 13/ & nº 13:* Simeón Saiz Ruiz

Testuak eta irudiak/ *Textos e imágenes/ Texts and images*  
Artistenak eta Simeón Saiz Ruiz enak/ De los artistas y de  
Simeón Saiz Ruiz/ By the artists and by Simeón Saiz Ruiz  
Diseinu grafikoa/ *Diseño gráfico/ Graphic design*  
Belén Sánchez Albarrán  
Koadernoen koordinatzailea Artiumen/ *Coordinación de los cuadernos en Artium/ Notebook coordinator in Artium*  
Enrique Martínez

Laguntzaileak/ *Con la colaboración de/ In collaboration with*  
Dava Ábalos eta/y/and Jaione Íñiguez de Heredia  
Itzulpenak/ *Traducciones/ Translations*  
María José Kerejeta (EU, ES)  
Peter Sotirakis (EN)  
Moldiztegia/ *Imprenta/ Printing*  
Arabako Foru Aldundiaren Moldiztegia  
Imprenta de la Diputación Foral de Álava